

# COM A MESMA VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA:

# PUNIR BANDIDOS

17/12/83

# PUNIR CANDONGUEIROS

«Agradecemos a organização e a disciplina aqui demonstradas e, sobretudo, o terem-nos chamado a atenção para o facto de o Governo não exercer o poder» — afirmou o Presidente Samora Machel ao concluir o longo diálogo mantido em Chibuto,

Provenientes dos vários distritos de Gaza a população começou a juntar-se em Chibuto às primeiras horas da manhã. O quotidiano da vila foi interrompido, para assumir algo semelhante a solenidade de que a tradição e a história nos recordarão para sempre sobre as grandes cerimónias realizadas na sede do poderoso império de Gaza.

Era ali mesmo para Chibuto, sede do poder imperial, onde afluiam milhares de pessoas, provenientes dos mais distantes pontos do império, em busca da força e autoridade necessárias à resolução dos seus principais problemas.

A esta imagem legada de geração em geração desde há cerca de cem anos, revivemos ainda, na manhã de terça-feira, em Chibuto, o cuidado especial como aqui o poder colonial organizava as banjas e implantava com particular imponência as infra-estruturas que simbolizavam o seu poder.

Mais ou menos pelos mesmos caminhos trilhados ao longo de várias gerações por súditos de um império, ou por homens acorrentados porque resistiam, dirigiram-se na manhã de terça-feira milhares de cidadãos de um país que constrói a democracia e o socialismo.

Não havia mandatos de prestação de vassalagem, nem chicotes a impor o passo da caminhada. Mas as pessoas caminharam desde as primeiras horas da manhã em direcção à sede do distrito do Chibuto porque aí haveria um encontro com a mais alta personalidade da Nação moçambicana, para partilharem da discussão livre do destino.

A esperança de dialogar ou pelo menos ver o homem que sintetiza a força da Nação e o poder capaz de impor a tranquilidade e apontar o caminho da prosperidade, fez esquecer as horas de espera ao longo das avenidas por onde o Presidente Samora Machel passaria.

## DESEJO DE TRANQUILIDADE

É a realização deste desejo que faz com que uma coluna de homens, mulheres e crianças corra sob o ardente sol do meio, dia desde o aeródromo à vila, para acompanhar a viatura onde Samora Machel segue.

Mas se estas caminhadas e euforias têm significado e pelo desejo profundo de um quotidiano mais tranquilo e com mais bem-estar. E em Chibuto, tal como em muitos pontos do país isso é possível sem muito esforço, porque a terra é fértil e a riqueza multiplica-se com facilidade.

Contudo, essa tranquilidade e bem-estar estão a custar a edificar, porque há problemas. E na tradição bem enraizada sabe-se que dia solene em Chibuto é dia que vai mudar alguma coisa na vida de cada um.

A tarde, no início, a discussão da agenda do diálogo, permite desde logo que cada um diga o que quer, ver mudado: há os crimes dos bandidos armados, a frustração na aquisição de produtos imposta pelos candongueiros, a fome e a nudez.

O Presidente Samora Machel aborda cada um dos problemas separadamente, embora chamando a atenção que

eles estão relacionados. A princípio, os caminhos do diálogo para a solução destes problemas não estão nítidos.

É o caso de haver fome, porque há seca. Ao longo do debate esclarece-se que há fome porque há seca, mas não só. Há coisas como a chuva que não dependem de nós. Mas outras dependem. Da parte da assistência surgem vozes recordando que desde os tempos de Manicusse, Maguiguane, Gun-

o Presidente Samora Machel aborda a questão dos candongueiros.

## CRIME POLITICO

O que parece para algumas pessoas tratar-se apenas de um problema de comércio ilegal, surge na conversa com a população como um crime político, económico e social de consequências imprevisíveis.

A candonga gera a corrupção moral e material, estimula o roubo. A can-

Os bandidos armados destroem lares e o desejo de tranquilidade, destroem a liberdade de podermos construir o nosso bem-estar. Os bandidos armados, sendo utilizados pelo nosso inimigo principal, o regime de Pretória, são inimigos com os quais não há qualquer possibilidade de conciliação.

Mas se é assim para os bandidos armados, porque não o é também para os candongueiros? E a população

se consolidar, está a ser empregue contra parasitas sem consciência.

Onde está a autoridade? Onde está o exercício correcto do poder?, inquiriu o Presidente Samora Machel.

Contra os bandidos armados a população de Gaza, em estreita colaboração com as FPLM, viu o poder exercer-se em cerca de dois meses de acção intensa deixou-se praticamente de se ouvir falar dos seus crimes. Por que não exercemos o poder contra criminosos semelhantes, como os candongueiros?

Aí o Presidente Samora Machel pôs o problema em termos claros: **Brlncamos com este nosso poder. Não estamos a definir correctamente os inimi-**



*Armamento capturado aos bundos armados, que foi apresentado à população, juntamente com bens que lhe haviam sido roubados. Os resultados da violência usada pelas FPLM contra aqueles criminosos foi saudada com alegria pela população. Por que não a mesma violência contra os candongueiros e todos os que impedem a felicidade do Povo?*

gunhane e outros sempre fomos capazes de encontrar os caminhos para a solução dos nossos problemas. Mesmo o da humilhação imposta pelo colonialismo encontrámo-la na força das armas erguida pela unidade de todo o Povo.

Esta procura de soluções através de uma maior clareza mostra então que, mesmo com chuva, «sem tranquilidade a terra não existe». A terra pode ser fértil, mas sem paz não podemos produzir. E mesmo que produzamos alguma coisa; se estivermos carregados de parasitas continuamos magros e doentes.

Fica então claro ao longo deste diálogo que não se pode falar de qualquer um dos problemas apresentados pela população sem falar dos outros. Isto surge com particular vigor quando

donga impõe a miséria sob todas as suas formas e, por isso, destrói a possibilidade de conseguirmos tranquilidade e bem-estar.

Qual a diferença entre os que provocam isto e os bandidos armados, cujos crimes têm na prática as mesmas consequências, distinguindo-se apenas pelos métodos? — perguntou o Presidente Samora Machel.

A população responde sublinhando a idêntica gravidade de crimes por ambos cometidos.

## EXERCER O PODER

Por experiência própria a população de Gaza, tal como a das restantes zonas do país afectadas pela guerra compreendeu já que os bandidos armados não são autores de crimes vulgares.

começou a interrogar-se sobre a prática de punição dos candongueiros.

Roubam, corrompem, prostituem e depois são «criticados». Quando muito vão presos um ou dois anos. Depois voltam, mas estão mais ricos. Desses castigos ninguém teme.

Estabelecendo embora as diferenças no tempo e nas situações históricas, o diálogo conduziu a recordações sobre como a tradição e a especificidade de cada momento exigem que os criminosos sejam punidos.

Recordou-se o que no império de Gungunhana se fazia aos ladrões, às prostitutas. Falou-se das punições dos «vendilhões do templo» impostas por Cristo. Da palmatória e do trabalho forçado do tempo colonial. Mas hoje, a crítica utilizada pela Frelimo para

gos actuais do Povo moçambicano, da Revolução e do Socialismo!

Ficou claro que para o poder do Povo se exercer têm de haver medidas que reprimam os que cometem crimes contra o Povo. Tem de haver violência revolucionária. O poder tem de se exercer. Os instrumentos para isso existem, mas os métodos não podem ser definidos em abstracto, segundo uma experiência incompreensível para a vivência do nosso Povo e distante da realidade de Moçambique.

Os métodos para esse poder se exercer terão de ser construídos em função desta sociedade que hoje temos e que estamos a transformar. Estes métodos têm de ser à medida das exigências de tranquilidade, paz e prosperidade do Povo moçambicano.